



jornal de letras, artes e ideias

Ano I n.º 1 De 3 a 16 de Março de 1981 Preço 25\$00 Quinzenalmente, às terças-feiras

Director José Carlos de Vasconcelos



JOSÉ CARDOSO PIRES confessa-se: «Fui claro?» ■ JORGE DE SENA revisitado por EDUARDO LOURENÇO. Três poemas inéditos ■ JÚLIO POMAR: a(s) palavra(s) do pintor ■ VERGÍLIO FERREIRA: novas páginas de «Conta-Corrente». O balancete de EDUARDO PRADO COELHO ■ FERNANDO BELO — Os católicos e a esquerda ■ Textos de AGUSTINA BESSA LUÍS, ALEXANDRE PINHEIRO TORRES, AUGUSTO ABELAIRA, DAVID MOURÃO-FERREIRA e NUNO BRAGANÇA ■ Ilustrações de JOÃO ABEL MANTA



José Cardoso Pires. "Fui claro?"

Fernando Assis Pacheco

Olha, lá está o escravo..." dizia o vizinho da frente, torre com torre na Caparica, quando José Cardoso Pires se acomodava à noite diante da grossa tábua triangular que lhe serve de secretária. Semanas depois falaram, dois homens de perfis diversos, e um era Armando, trabalha em confeções, o outro José, aliás para Armando «o Cardoso», romancista, amigos de infância, não se viam há quarenta anos, de modo que assim findou a confusão. Por um tipo sse atardar ao pé de um candeeiro não tem necessariamente que levar escritas para casa!

«Queres ver que o Armando aparece não tarda?», açodou-me José Cardoso Pires. Apareceria ao bater da uma, braço direito num cumprimento, **ciao**, o sol anômalo deste Inverno aconchegando-o com a aura dos domingos encorpados e felizes. José, o romancista, do lado de cá também um **ciao, ciao Armando**, que não vais caber em páginas próximas, basta que existas, fiques aí na varanda de mão no ar, luminoso, e então conta-me: «Lá está o escravo, dizia o Armando à mulher. Pensou que eu era contabilista.» «E são amigos?» «Falamos das respectivas janelas, às vezes encontramos-nos na rua.»

Amigo é o comandante Alberto Covas, da TAP. Esse telefonou à uma e meia, um azar bruto, acabava de comer. Mas sessenta minutos depois («fui a Madrid hoje de manhã») ouço a campainha e corro à porta, «você é o Covas!», «ah pois sou, e você é o...» («ó Covas!», José em off da cozinha, temperando os tordos), Covas bate com o trinco, saúda os presentes, instala-se. «Fui a Madrid, pá. Fui e vim.» Cansado, é evidente, ou a gente julga? Um cigarro aceso. um fio de fumo leve.

Pus o gravador no chão.

A conversa fez-se a seguir ao almoço. Tom, o de dois interlocutores que se conhecem ao ponto de não aceitarem o disfarce. Tema, dentro do possível: José Cardoso Pires troca Lisboa pela Costa da Caparica: o seu dia-a-dia; se o trabalho rende ou não; por exemplo, e para começar, que lugar preenchem os amigos na vida do romancista. A mulher, Edite, «Esquilo» intra-muros, cúmulo da descrição, ouve-se a espaços. Covas, o comandante, reforça as minhas perguntas e polvilha a gravação com episódios seus, que não transcrevi da **cassette**. Personagem madura, o comandante dos **Boeing**. Hesito em desviá-la da trama de um conto alheio.

«Pergunta lá», diz o anfitrião.

Escritor aviado em terra

P. — Para começar, dependes de amigos como o comandante Covas?

R. — Dependo pois. Um tipo gosta sempre que lhe falem da sua profissão, como tu sabes gosto imenso de falar de literatura. Mas também sinto uma grande curiosidade em falar de coisas que não tenham nada a ver comigo. Ou daquelas em que apenas estou envolvido.

P. — Caso do Covas.

R. — Um comandante de avião está relacionado comigo por vários motivos. Primeiro, eu máquinas detesto-as, tenho-lhes medo, ou então tenho um extraordinário respeito por elas. Segundo, essas pessoas, o Covas que é o caso, convivem comigo e fatalmente vais encontrar pontos de contacto nelas, quer queiras quer não. O Covas. Não há-de ficar sensibilizado por um comandante de avião ler livros e comprar pintura quando tu não sabes nada de aviões? O Covas é mais rico do que tu neste aspecto. E isto quando a

sociedade quer que um tipo que comanda aviões nunca leia um livro, não tenha um quadro em casa, que seja um escravo do consumo. O que a sociedade quer de um comandante de aviões é que ele coma lagosta. Não quer mais nada.

P. — Então não sabes puto de aviões.

R. — Puto. mas estou convencido de que o meu trabalho é muito mais difícil, o Covas que me perdoe. É mais difícil escrever um bom livro do que comandar um avião. Não quer dizer com isso que eu mereça mais, é outra questão. mas é muito mais difícil escrever um bom romance do que pilotar um **Jumbo** ou um **Concorde**. Até porque há milhares de tipos a pilotar Concorde e escrever bons livros há para aí cinco ou seis no mundo, por alguma razão é.

P. — O teu contacto com um tipo dum profissão diferente...

R. — Se tiveres sorte excita-te a modéstia, percebes? Põe-te no teu plano. Por exemplo vou ali àquela pastelaria e está lá um tipo cujo sonho é enriquecer, mas entretanto lê livros, vê televisão, e eu o que é que faço? O que sei eu da vida dele? E quem tem mais obrigações: ele em saber a vida das letras, o que se escreve, ou eu em saber a vida que se vive? Sou eu! Não sei se estou a ser claro. A minha tentação, a Edite tem visto e sabe, é perder tempo. Eu interesso-me pelas pessoas mais do que pelas profissões. Cabines de avião? Estou farto de as ver no cinema, aquilo para mim é chinês, não me impressiona nada, não é por aí. Mas falar com um piloto ou com uma comissária que me conta histórias de pessoas — não é histórias para arquivar, atenção —, aí está uma outra parte da vida que é fundamental, já que eu não tenho a ambição, nem tenho a possibilidade, nem quero se calhar, nem quero, conhecer toda a vida na intimidade, tinha que ter morrido duas ou três vezes para escrever uma novela onde morre alguém. Fui claro?

Os quatro tios da América

Os quatro tios da América já morreram. Mas na fotografia estão com muito boa planta, ainda vivos nesse tempo de Fall River, todos envergando sobretudos grossos, todos de charuto entalado entre dois dedos, todos de flor branca na lapela. Flor? Eram jardineiros, ou assim se expatriaram. Um deles, quando morreu em americano, deixou alguns hotéis para os filhos se esquecerem da sucessão das estações.

Os tios sentam-se à mesa trazidos da moldura, numa bela ampliação (recuperação) de Eduardo Gageiro. Todos naturais do Peso. Zona de emigração? «Zona de emigração», confirma José Cardoso Pires. E uns voltaram ao Peso para se trespassarem em paz, julgavam eles, enquanto outros eram maquilhados pelo **anateca**.

Quatro histórias. A mais «escrita», do tio Sebastião, que toda a vida sonhou em ter um porco, o porco definhava, volcava as patas para o tecto do curral. A mulher do tio Sebastião chegou a consultar uma bruxa. Era no tempo em que os filhos mandavam **dolas**, dólares, da América: pague-se uma boa reza de entendida! A bruxa pedia um colete do tio, cheirava, nada, o porco a gemer nas vascas da agonia. Sebastião melancólico. Vinho pela gorga abaixo. Tinha um burro chamado Afonso Costa que o conhecia à légua: se ele descia as escadas a cambalear, o burro alçava as orelhas e punha-se aos coices, de medo.

Este burró, porém, era menino para trazer o tio Sebastião de volta à aldeia cozido de copos. Outra: Sebastião tinha também um disco, um único disco, que José Cardoso Pires ouvia na **machine**. Lado A, o Hino Nacional; lado B, anedotas de Estevão Amarante. Juntavam-se os vizinhos. Sebastião e a mulher, que sabiam

as graças de cor, riam que te parto. Os vizinhos só se o casal explicasse Amarante, porque a agulha do toca-discos, gasta pelos anos, afiava-a Sebastião numa folha de lixa.

«A família era muito pobre», recorda José Cardoso Pires. «Eram os Domingos, mais tarde Domingos Neves por causa de um padrinho, o dr. Neves. O meu avô era enfeitado, apareceu dentro de uma ceira, pendurado na aldraba de uma porta.»

Trouxa às costas,
em casa de amigos

P. — Neste semi-exílio da Caparica passas boa parte da semana sozinho, é?

R. — Sozinho, sim. Sempre. A maior parte do tempo.

P. — E este teu apartamento, compraste-o com os direitos autorais?

R. — Não, não. Eu tinha dinheiro de várias coisas, e algum também dos direitos autorais, mas que não foi a base. Comecei por querer fazer uma casa num terreno meu na Arrábida, mas bombardearam-me, até porque eu era de esquerda, e como a Câmara de Setúbal também era de esquerda não estava para mostrar à esquerda que fazia manigâncias, de maneira que deu-me sopa e eu fiquei com a sopa... Depois é que comprei o apartamento.

P. — Faço a pergunta de outra forma: neste apartamento estará um ano da tua produção como escritor? Dois anos?

R. — Nem dez! (Ri-se.)

P. — Antes de vires para a Caparica escrevias em Lisboa?

R. — Na minha casa de Lisboa? Não. Escrevi de um modo geral noutros sítios, em casas de amigos. Em Lisboa não, porque tinha problemas, havia as miúdas, havia sempre umas lutas bestiais. Eu gosto muito de silêncio, gosto de solidão, não sou capaz de escrever diante de ninguém. O meu sonho a certa altura era ter um sítio. Também não gostei nunca de hotéis, lembravam-me o Ferreira de Castro! Andava portanto à custa de amigos, amigos meus que tinham casas fora de Lisboa e que mas emprestavam.

P. — Como é que descobriste a Caparica?

R. — A Caparica descobri-a em miúdo. Escrevi aqui algumas coisas muito antes do que tu pensas. Há uma coisa que escrevi na Caparica pela qual tenho uma certa ternura, já lá vamos. Outras duas são passadas na Caparica. Uma delas foi o *Week-End*, um conto dos *Jogos de Azar*, sobre um casal que se encontra numa pensão; a pensão já não existe, ficava ao pé do Mercado, por cima do que é hoje o Restaurante Silva. A outra foi *Uma simples flor nos teus cabelos claros*, que também se passa aqui: era o tempo de miúdo em que eu vinha para a Caparica, a paixão que eu tinha por isto. A praia era muito mais larga! E depois há este último conto de *O Burro-em-Pé*, de que gosto bastante, *Lálinha* (JL: *Celeste & Lálinha por cima de toda a folha*). Ainda não tinha o apartamento e escrevi-o numa casa do João Abel Manta. O conto foi escrito por uma razão muito simples: eu estava na minha casa da S. João de Brito e aquela sala do fundo tem por baixo um pátio, um jardim, e eu ia para a sala tentar trabalhar e durante todo o dia ouvia uns miúdos que tinham vindo de Angola. Ó Esquilo, o que é que eles eram à dona da casa? Filhos?

Edite (falando da cozinha: — Netos.

R. — Netos. Os miúdos passavam o dia — mas o dia todo! — a correr uns atrás dos outros a dar tiros, mas davam tiros com uma perfeição sonora espantosa, *pan tiin tiin*, o estalido era uma coisa espantosa. Pus-me a observar, e aquilo eram uns putos vindos de Luanda a reproduzirem a imagem que lhes tinha sido contada da luta contra os guerrilheiros, contra os *turras*. E eu disse, isto é uma alienação total, uma alienação dupla, que é a mais dramática: um indivíduo revivendo um passado inventado, que de facto nunca teve. Ah, espera, a propósito da Caparica. Também há o prefácio aos *Jogos de Azar*: esse fala na Fonte da Teilha. E é tudo.

Onde se descreve o apartamento

O apartamento de José Cardoso Pires na Costa da Caparica:

— formato «compacto», com um quarto, um WC, uma sala (cozinha ao fundo, separada do *living* por um murete) e uma varanda fechada; guarda-vestidos embutido;

— nas paredes, além da fotografia dos tios da América, a coleção de ilustrações de Júlio Pomar para *O Burro-em-Pé*;

— a fazer de secretária, uma mesacantoneira com um candeeiro barato; no *living*, um segundo candeeiro confeccionado de um garrafão de *Black & White*;

— à esquerda da secretária, na parede, planos do novo romance, que José Cardoso Pires chama «o projecto» (falar mais detalhadamente do que escreve «dá azar», garante o escritor).

Alimentação: três vezes por semana no apartamento, com pratos fáceis ou comida trazida de Lisboa, o resto em restaurantes da Caparica. José Cardoso Pires cozinha bastante bem. Os tordos que antecederam a entrevista, uma oferta de Carlos Eurico da Costa, albardou-os com tiras de *bacon*, temperou-os com vinho branco e *whisky*, e serviu-os com batata frita na altura. Cáiram perfeitamente no apetite do comandante Covas, que «já tinha almoçado».

A fuga para o Sul,
segundo J.C.P.

P. — Vários escritos teus passam-se ao Sul do Tejo, mais ou menos entre esta zona e Porto Covo, e um deles ao Sul do Tejo mas em Vendas Novas, O Hóspede de Job. Foi uma escolha deliberada, foi o acaso?



«Se quisesse contar esses tios da América por escrito, teria de conhecer a língua deles, ir ao Massachusetts e aprender o vacançes com que eles se exprimem»

(Longa digressão do romancista, como se lerá:)

R. — Aí está uma pergunta gira. (Pausa.) Como é que eu hei-de pôr...? (Pausa.) Deixa ver. Eu penso muitas vezes que devo ser um dos poucos tipos que fogem da infância. Não tenho saudades nenhuma da infância.

P. — Porque foi chata?

R. — Sim, Chata. (Pausa.) Nunca foi dramática, foi aquilo que se diz, com o maior dos desprezos, uma infância pequenina-burguesa. Foi uma infância que me afirmou num aspecto que eu durante anos julguei que... Afirmo-me no aspecto solitário. Porque eu engano muito, as pessoas que me conhecem pensam que sou extrovertido, e sou, sou extrovertido, mas no fundo é para preservar uma parte de solidão. Estou a pensar agora nisto. Nasci numa terra da Beira por acaso. Não tenho nada a ver com aquilo, não é feio nem bonito, a Edite foi lá comigo, não sei o que ela pensa. Tu achas que o Peso é bonito, Esquilo?

Edite — Não.

José Cardoso Pires ri-se, levanta-se, espreme o cigarro num cinzeiro do *living*

e volta a sentar-se para continuar a

R. — Aquilo é uma «terra de pês», só deu padres e pedras, pinheiros e polícias. E subretudo transpira subserviência, que eu percebi através das pessoas que vinham visitar a minha mãe a Lisboa. E isso a mim e à minha irmã provocou-nos uma reacção ao contrário. A minha foi violenta, porque eu fui para a Faculdade de Ciências para ir para a Marinha, o meu pai queria que eu fosse para a Marinha e eu até queria ir. Até que passei para Matemáticas, zanguei-me com a família, saí de casa, empreguei-me, fui correspondente de Inglês no H. Vaultier, eu que não sabia Inglês Comercial, que ainda hoje escrevo Inglês com uma dificuldade terrível...

P. — Mas lêes Inglês correntemente, hm?

R. — Sim, mas escrever, e logo Inglês Comercial! Nenhum inglês, sabes muito bem, não há nenhum inglês que seja capaz de dominar totalmente o Inglês técnico, e eu meti-me naquilo...

P. — Só que neste momento pareces um camelo a fugir pelo deserto. Concretamente o que respondes à minha pergunta?

R. — Pois. (Pausa.) É que tu puseste-me um problema de geografia e eu nunca tinha pensado nisso. Porque me viro eu para o Sul? (Pausa.) Tomara ter o condado mítico do Faulkner! Tomara eu. Mas para o Sul porquê? Não sei. Fujo do Norte, fugir do Norte é fugir às raízes. É eu não gostar das raízes que tenho. Nunca gostei. Tudo o que me cheira à Beira, àquela Beira, é pior do que... (Pausa.) Sabes, eu não tenho relações com a família de lá quem tem é a minha irmã. Para mim tudo o que vem dali é mau, é o padre o polícia... E então eu pergunto: é esta gente que respeito? Não é. Eu vou fu-

gindo para o Sul, vou fugindo das raízes, também porque tenho uma amargura muito grande em relação à infância, mas que não dramatizo porque não a sinto tão valiosa para os outros.

Para uma teoria
da preguiça

Cozinha as tais refeições rápidas, o resto «vai ali», tem comida no frigorífico, tem *stocks* de bebidas e tabaco.

Pergunto-lhe se de vez em quando vai ficar à casa de Lisboa. Responde-me que é raro, ou cada vez mais raro. E diz-me outra coisa: estar na Costa da Caparica dá-lhe «um à-vontade espantoso». Porquê?

Tem o «Roteiro» do *Se7e* pregado por cima da porta de entrada (aponta com o dedo). O *Se7e* informa-o sobre os acontecimentos culturais, espectáculos, filmes, teatro.

«Vejo as coisas que queria fazer», diz, «Gulbenkian tal filme, Quarteto tal filme, e muitas vezes não vou. Mas é nessa

altura que eu fico num à-vontade espantoso. Porque estou a quinze minutos da Gulbenkian, percebes? E se lá vou, às vezes vou, depois posso estar cansado e ir beber um copo a um bar. Aqui é que me dá a preguiça...»

Que espécie de preguiça?

«Há a distância psicológica que é muito importante», começa por explicar José Cardoso Pires. «Posso não ter nada pala fazer e estendo-me na cama, leio, depois adormeço, acordo e volto a trabalhar, o que não faria se estivesse acompanhado ou se tivesse a Gulbenkian ou o Quarteto aqui ao lado.»

Escreve «muitas vezes durante a noite» (o equívoco do vizinho Armando...), «agora por acaso cada vez mais de manhã, que é quando estou fresco, não tenho tabaco em cima».

Teoria da preguiça:

«Quer dizer, sou um tipo que se deita, que se levanta, que vai à beira-mar dar uma volta, que às vezes vai por aí fora a pé, mas não é muito frequente fazer isso, que depois chega aqui, ouve rádio, ouço rádio, meto uma *cassette*, leio.»

(Leituras sortidas. Inventário às estantes: americanos, ingleses, latino-americanos, um escritor do alemão, o austríaco Peter Handke, portugueses em barda. José Cardoso Pires corrige o inventário: «Ó pá, isto aqui é mais um armazém do que uma biblioteca!»).

Teoria anexa, da redução do espaço. Vai falar dela:

«Aqui o meu universo reduz-se fisicamente. Eu penso que é importante, para a escrita, reduzir o universo. Se tu queres contar alguma coisa tens de reduzir o universo onde ela se passa, caso contrário perdes-te, não consegues dar força a nada, não tens geografia» (agora noutro contexto) «na tua escrita para abarcar uma coisa em grande estilo, a menos que vás para o campo histórico, como o Tolstoi, para citar um caso grande, ou, para citar um caso menor, Ehrenburg. Então se não vais para o campo histórico tu tens de reduzir o universo. Bom, na medida em que te fechas nesta sala, é mais fácil. Estou a ser claro?».

Aqui entra Edite,
a dactilógrafa

P. — Em média quantas horas trabalhas por dia no teu novo «projecto»?

R. — Em média suponho que muito poucas. Agora se tu me perguntares... Porque eu chego a levantar-me da cadeira porque me doem as costas! É como diz ali o senhor Armando: *lá está o escravo...*

P. — Continuas a ser exigente com a caneta e o papel? Há anos eras. Continuas a querer o melhor papel, o melhor aparo?

R. — Sou um homem de superstições.

P. — Superstições ou hábitos antigos?

R. — As duas coisas. (Pausa.) O papel de que eu gosto, a caneta com que eu gosto de escrever, são importantes porque me facilitam o grande combate. Se eu fosse criando combates ao contrário era pior.

P. — Neste processo quando entra a máquina de escrever?

R. — Ah, isso entra o Esquilo. Ela é a dactilógrafa. Se eu me meto à máquina é lixado, emendo, emendo, emendo. A Edite está a ouvir e sabe que é verdade.

P. — A Edite dactilógrafa, não sabia. Será ela também o leitor privilegiado que sugere emendas?

R. — Não. Não me lembro de a Edite ter feito uma crítica, a não ser aspectos formais, no que é exigente.

P. — É verdade que não mostras os teus originais a outros escritores?

R. — É. Mostrei duas vezes e depois nunca mais. Uma foi ao Mário Dionísio, foi o meu primeiro livro. E a outra foi ao Carlos de Oliveira, suponho que *O Anjo Acorado*, não me lembro bem. A razão é esta, é que os escritores são extremamente bem comportados uns com os outros em face de um original, e são extremamente violentos, são inexoráveis, em relação à obra impressa. Se eu der um original a ler a um escritor, mesmo ao meu melhor amigo, ao mais sério, não acredito

to muito na crítica dele porque penso sempre que, tratando-se de um manuscrito, há da parte desse amigo uma vontade de não agredir, percebes o que é, até porque nesse momento vem ao de cima a humildade do escritor que, me está a ler, um escritor fica numa posição delicada, fica sempre, por melhor análise que faça. O livro impresso tem outra cor.

O mundo francês — e o mundo

Lançado num «novo projecto», José Cardoso Pires diz que não altera por isso os seus hábitos, com a excepção do tabaco: fuma agora, quando trabalha, uns cinquenta cigarros por dia.

Sobre o «projecto» não dirá mais nada. Faça-lhe depois a pergunta chocha: «Qual o livro (português, estrangeiro) que gostarias de ter escrito?» Devolve-me com uma careta. Até porque, citação, «aquilo que dá gozo numa leitura é o que o livro tem de incompleto, os falhanços, depois os pontos de tensão, os pontos de unidade». Passa logo ao cinema. O *Shining* de Kubrick.

Do ponto de vista ideológico pode o Kubrick apalpar a etiqueta no lombo: José Cardoso Pires considera-o «extremamente duvidoso» (e o mesmo dirá de Hitchcock). E o *Shining*?

A princípio enojou-o, deu-lhe «desgostos». Acha Jack Nicholson «o único actor de cinema» destes tempos que vão correndo, «os outros são grandes actores de teatro que fazem bem cinema», e inclusive Nicholson o defraudou: «eu já o tinha visto no *Ninho dos Cucos*, a fazer a mesma cara, com o mesmo ar». Mas subitamente — e para esse subitamente foi preciso esperar pela derradeira imagem — o filme ataca «com uma das coisas mais notáveis que eu vi na minha vida em cinema», o retrato de um baile com o rosto do próprio Nicholson, «e então aí temos toda a deslocação tempo-espaco», Kubrick «conta outra vez numa outra pessoa». «Como é que um tipo, só com uma fotografia, só com um plano, tem o talento de fazer isto?»

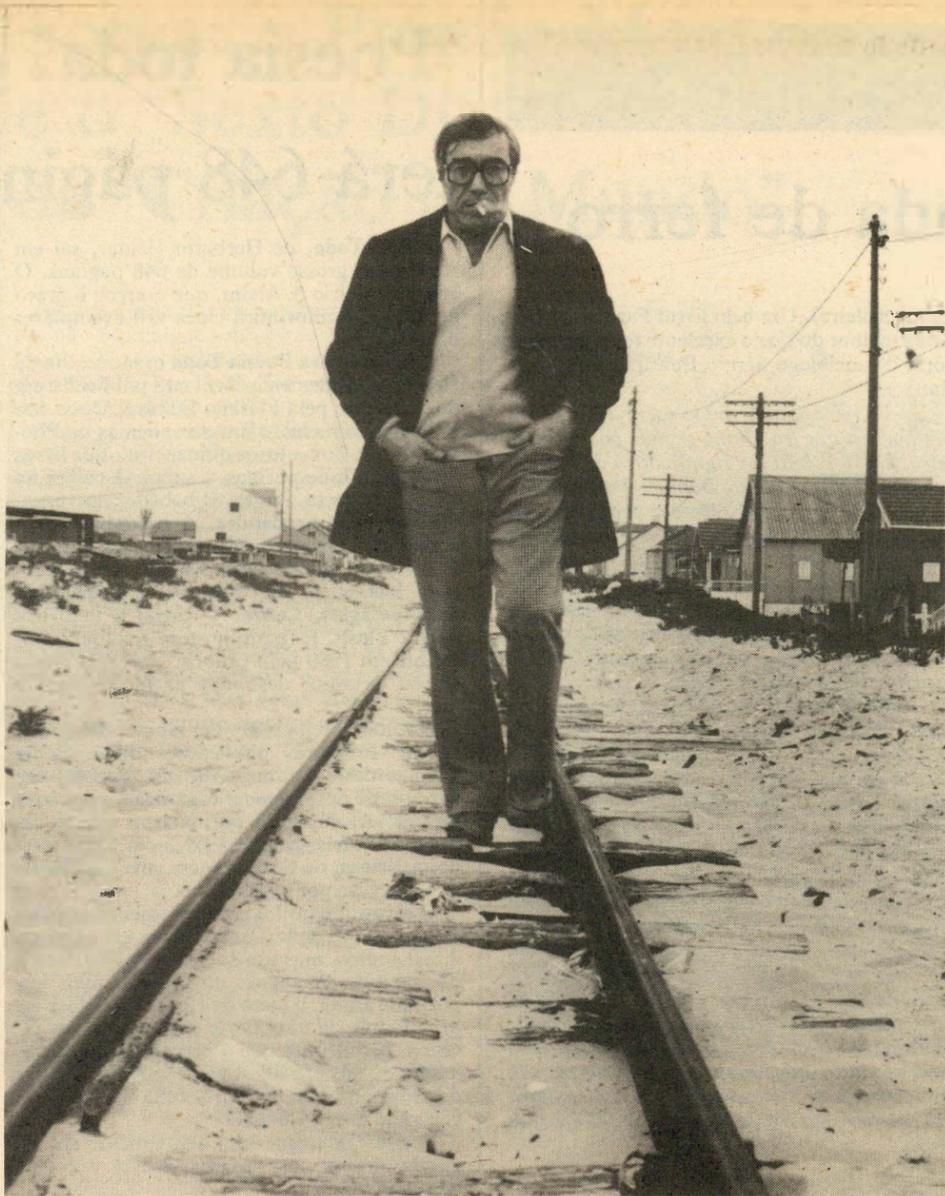
Daí em diante, confessa, ficou «arrumado». «Era o Resnais em grande» (José Cardoso Pires gosta de Resnais, salva-o da opinião geral negativa que tem sobre o cinema francês). «O tempo-espaco foi ali iludido, morto, estivemos noventa minutos a ser enganados!» «Felizmente.»

Puxo-o de novo para a literatura: livros nas estantes. Abana a cabeça. «Cada vez tenho menos que ler.» A sua leitura é crescentemente «egoísta», um escritor tem sempre «uma leitura interesseira».

Vira a página para outro tema, o dos «grupúsculos sem força social real» que aparecem no país e que, à força de braço, «acabaram mesmo por tê-la». A página é ainda a do cinema, para referir que Portugal, «tão pequeno e tão fechado e tão provinciano», dá bom trato aos «messias» (corrige depois para «Dom Sebastião», no singular); eles, os Encobertos, podem aparecer «ao balcão do Metro-e-Meio» (corrige: «apareciam, agora já não») ou «na Cervejaria Trindade». Guinada à sua maneira: «Nós sabemos todos quanto nos custou, e está a custar, e ainda vai custar, essa coisa dos *Cahiers du Cinéma*.» «As crueldades», insiste, «que se cometeram em nome dos *Cahiers!*»

Textual: «O servilismo francófilo — e americanófilo — que isso representou, faço-me entender? Esta coisa dramática de veres um filme ser elogiado pelo óbvio ou condenado por não ter nada de óbvio.»

José Cardoso Pires escreveu de Londres, para o *Diário de Lisboa*, uma nota sobre *Morte em Veneza*, de Visconti. Tinha gostado: não do óbvio. «Pois soube que aqui se riram doidamente, chamaram-lhe pacóvio ou coisa assim. Que o Visconti já estava ultrapassado. Que o bom era o Godard.» Hoje, insiste, *Morte em Veneza* é finalmente gostado; e para ele Godard, «mais banda desenhada, menos banda desenhada», só pode ser gostado pela irrupção episódica do humor. *Boutade* a propósito: «Há dois mundos: o mundo francês e o mundo...» Estamos



«Quer dizer, sou um tipo que se deita, que se levanta, que vai à beira-mar dar uma volta, que às vezes vai por aí fora a pé...»

em plena «colónia portuguesa da França», uma espécie de «Alliance Française traduzida para galaico-português.»

Não, não pode clamar «ó senhores, que bom» diante de *O Império dos Sentidos*, ou de *Heart-Beat*, que tem pelo contrário do que pretende ser, «o retrato de uma geração» («como é que se pode pegar naquele filme cheio de lugares-comuns, lugares-comuns ainda por cima de ironia pobre, e gostar, e transformar o mau no bom?»)

Edite despede-se: regressa a Lisboa. Alberto Covas fica a fazer-nos companhia por um bocadinho.

Gravação dentro da gravação

«Agora vou dar-te uma nota para um artigo que se calhar nunca escreverei. Chama-se *A Ideologia da Escrita*. Queres gravar?»

Faço a gravação: «É muito mais profunda (a ideologia da escrita) que a ideologia do texto. Com o devido respeito acho que os críticos de cá, e se calhar de lá, marram muito no mesmo, acham que a escrita é uma coisa que se faz em Língua Pátria para ser explicada em Francês universitário, em Francês freudiano-marxista, quero dizer. E por sua vez o argumento, ou seja, as relações do indivíduo com o tempo, não passa, para os nossos críticos, de coisa nenhuma: para uns são simples pretextos de escrita, enquanto que para outros é o contexto que se sobrepõe à escrita. Isto, bem entendido, afirmando sempre que forma e conteúdo são coisa e tal, indispensáveis e mais que também.»

Na minha fraca opinião, porém, isto de escrita e de leitura não é tão complicado assim. Para mim, que sou de letras correntes, já se vê, num estilo de Maria Velho da Costa, para não ir mais longe, eu vejo uma sintaxe ideológica e um gosto vocabular que são nitidamente aristocráticos.

(E, como sabes, gosto muito da Maria Velho da Costa, é um dos meus autores.)

Melhor dito, ela faz uma escrita de recuperação erudita com as ironias de quem se está nas tintas para os eruditos de agora e prefere circular em gosto mar-

ginal mas sempre com o passaporte bem recheado de protecções de bom nome: mestre Gil, mestre Carroll, mestre Pound, cronistas e outros assim. Certo plebeísmo como provocação erudita.

Nestas coisas de gosto o escritor quer-se sempre marginal. Uns porque assim se cultivam em imagem de noite, que é a que está mais à mão; outros porque, ficando em casa, jogam simplesmente no descontraído do vocabular, no *ora porra*, e assim se marginalizam e ganham crédito em relação às pessoas bem comportadas. Finalmente os restantes, que somos todos, que nunca querem ser metidos no saco dos académicos e fazem desesperadamente por ter uma voz própria, à margem.

Citando Pessoa ou Cesariny, qualquer um pode bater boa prosa à cervejola sem correr certos riscos. Essa é já uma receita velha que anda por cem paus o cliente mais a percentagem do Boris Vian. Ou então ser tolerado pela corte dos generosos das letras, que, fazendo lei nos congressos e dormindo a horas certas, não se deixam contaminar pela vadiice que ainda invejam.»

Completa daí a pouco:

«Na literatura o que interessa é o fundo. A tentação provinciana é a do estilo: é a gravata. É o tipo que sabe que com um fato cinzento cai bem uma gravata preta, e que se tiver um fato às riscas ou de xadrez não vai pôr uma gravata com ramas — já aprendeu isto... Esse é o estilo bem comportado, e por aí não se vai à literatura. São valores de passagem. Existem, aliás, em todos os países.»

O entrevistador entrevistado

Uma entrevista, foi o que fiz? Volto para Lisboa cheio de dúvidas.

Sou amigo de José Cardoso Pires quase desde os meus primeiros pelos brancos. Creio que um amigo trava a fluência do repórter *standard*, se é que sou *standard* e se é que a tenho. Esta conversa pisou por vezes a tábuca. Paciência.

Venho, vim, com um papel no bolso, onde José Cardoso Pires, arrancada a promessa de que me conformaria com o seu desejo, põe também perguntas. Até ao fim, em consequência, leia-se P. por

José Cardoso Pires e R. por Fernando Assis Pacheco.

P. — Para mim escrever é uma solidão comprazida. Às vezes penso que é uma masturbação com a vida e a morte, ou coisa assim. A gente sonha-se sonhando. Trabalho de mão e de memória visualidade... enfim, é isso, prazer solitário entre quatro margens brancas de papel. Tu, já sei, preferes movimento à volta quando escreves. Verdade?

R. — Não é verdade. Prosa de jornal, escrevo-a no meio de todos os barulhos do mundo. Prosa outra, e sobretudo poesia, é sem ninguém à volta, como tu. Também sonho com um sítio. Quando me livrar de vez vou para uma aldeia, com a diferença seguinte: nem cheiro de Lisboa.

P. — Uma coisa que ando há muito para perguntar. Lembrei-me disso uma vez que estava no Líbano e em que assistí aos bombardeamentos israelitas. Lembrei-me de ti, imagina. É verdade, no meio daquela balbúrdia toda lembrei-me de perguntar como é que se escrevia numa guerra. Se tu, por exemplo, escreveste alguma coisa no teu tempo de Angola, e o quê.

R. — Escrevi muito pouco em Nambuangongo e em Zala, um pouco mais em Luanda, que sempre era mais temperada. Não, na guerra tu queres é safar o coiro a qualquer preço. Vives em função disso, e chegas a não comer e a não beber por causa dessa obsessão. Depois, vigiam-te. Mesmo que não te vigiem para fins políticos, estão ali ao pé, é chato, é uma porra (desculpa o porra). Escrevi um soneto à morte de João XXIII que começa «Há um papa que morre enquanto escrevo/estas linhas de angústia e solidão», e um outro evocando familiares, ambos metidos pelo meu pai, não me disse nada, meteu e pronto, em apêndice ao meu livro de estreia. E escrevi mais três ou quatro poemas que dissolvi em poemas posteriores. Não me dissolver eu, foi formidável.

P. — É que eu, numa noite de blackout, apeteceu-me imenso escrever mas não sobre aquilo que estava a viver. Pensei num conto de fronteira da Serra do Gerez a propósito duma velha libanesa que eu vi a patrulhar, descalça e com uma metralhadora na mão.

R. — Se isso é uma pergunta... Mas sim, claro, eu também me apeteceu escrever sobre o primeiro pisco que esganei com um costelo na quinta do meu avô materno.

P. — Outra pergunta: a ideia que fazes de Lisboa não será bem a minha. A tua poesia, pelo menos naquilo que ela fala de Lisboa, é, digamos, a do poeta à barra. Mas um poeta sempre em trânsito, é a ideia que me dá. E de uma grande solidão, no fundo de tudo. Estou errado?

R. — Detesto os divãs dos analistas, ao que me descrevem. Quando precisar de um ersatz bato-te à porta.

P. — Lá mais para trás, já sei, metes com certeza um subtítulo sobre os meus tios de Fall River, Massachusetts. Porque é que nunca escrevi sobre eles? E tu, também tens personagens de aventura na família? Sei algumas histórias.

R. — Pois sabes: um avô galego que veio pela primeira vez a Portugal num grupo à esmola, outro do Eixo (Aveiro) que casou sucessivamente com duas meninas amigas uma da outra. Mas eu tenciono escrever sobre essas personagens e tu, meu sacana, trazes os tios da América para a mesa e nem a do burro Afonso Costa pões em papel. Ora se tivesses juízo.

P. — Se quisesse contar esses tios por escrito, teria de conhecer a língua deles, ir ao Massachusetts e aprender o vacanças com que eles se exprimem. Só conheci dois desses tios, e mal: eram personagens à Tortilla Flat, demasiado pícaros. Diz lá qualquer coisa.

R. — Um conselho, se permites: mete uma cunha para te mandarem três meses para Fall River. E não me venhas com as raízes do Norte, que neste caso foram deslocadas. O almoço estava esplêndido, a tua mulher é gentilíssima, o Alberto Covas uma pepita de ouro. Da próxima não gastes aquele gang de jardineiros em estória oral. Tios destes pagam-se a preço alto. Desistes? Diz quanto queres por eles. E um abraço forte.